

JOSÉ GOLDEMBERG
PRESIDENTE

EDUARDO MOACYR KRIEGER
VICE-PRESIDENTE

CONSELHO SUPERIOR

CARMINO ANTONIO DE SOUZA, EDUARDO MOACYR KRIEGER, IGNACIO MARIA POVEDA VELASCO, FERNANDO FERREIRA COSTA, JOÃO FERNANDO GOMES DE OLIVEIRA, JOSÉ GOLDEMBERG, MARCO ANTONIO ZAGO, MARILZA VIEIRA CUNHA RUDGE, JOSÉ DE SOUZA MARTINS, PEDRO LUIZ BARREIROS PASSOS, PEDRO WONGTSCHOWSKI, VANDERLAN DA SILVA BOLZANI

CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

CARLOS AMÉRICO PACHECO
DIRETOR-PRESIDENTE

CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ
DIRETOR CIENTÍFICO

FERNANDO MENEZES DE ALMEIDA
DIRETOR ADMINISTRATIVO

Pesquisa
ISSN 1519-8774 FAPESP

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Henrique de Brito Cruz (Presidente), Caio Túlio Costa, Eugênio Buccì, Fernando Reinach, José Eduardo Krieger, Luiz Davidovich, Marcelo Knobel, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Marisa Lajolo, Maurício Tuffani, Mônica Teixeira

COMITÊ CIENTÍFICO

Luiz Henrique Lopes dos Santos (Presidente), Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida, Carlos Américo Pacheco, Carlos Eduardo Negrão, Fabio Kon, Francisco Antônio Bezerra Coutinho, Francisco Rafael Martins Laurindo, José Goldemberg, José Roberto de França Arruda, José Roberto Postali Parra, Lucio Angnes, Luiz Nunes de Oliveira, Marie-Anne Van Sluys, Maria Julia Manso Alves, Paula Montero, Roberto Marcondes Cesar Júnior, Sérgio Robles Reis Queiroz, Wagner Caradori do Amaral, Walter Colli

COORDENADOR CIENTÍFICO

Luiz Henrique Lopes dos Santos

DIRETORA DE REDAÇÃO

Alexandra Ozorio de Almeida

EDITOR-CHEFE

Neldson Marcolin

EDITORES Fabrício Marques (Política & T), Glenda Mezarobba (Humanidades), Marcos Pivetta (Ciência), Carlos Fioravanti e Ricardo Zorzetto (Editores especiais), Maria Guimarães (Site), Bruno de Pietro (Editor-assistente)

REPÓRTERES Christina Queiroz, Rodrigo de Oliveira Andrade e Yuri Vasconcelos

REDATORES Jayne Oliveira (Site) e Renata Oliveira do Prado (Mídias Sociais)

ARTE Mayumi Okuyama (Editora), Ana Paula Campos (Editora de infografia), Júlia Cherem Rodrigues e Maria Cecília Felli (Assistentes)

FOTÓGRAFOS Eduardo Cesar e Léo Ramos Chaves

BANCO DE IMAGENS Valter Rodrigues

RÁDIO Sarah Caravien (Produção do programa Pesquisa Brasil)

REVISÃO Alexandre Oliveira e Margô Negro

COLABORADORES Bernardo França, Daniel Almeida, Fabio Otubo, Felipe Braz, Igor Zolnerkevich, Lucia Becker, Carpena, Luisa Destri, Renato Pedrosa, Suryara Bernardi, Valéria França e Victório Flório

REVISÃO TÉCNICA Adriana Valio, Célio Haddad, Cláudia Mendes de Oliveira, Luiz Nunes de Oliveira, Sérgio Queiroz, Walter Colli e Wilson Teixeira

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DE TEXTOS, FOTOS, ILUSTRAÇÕES E INFOGRÁFICOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

TIRAGEM 30.100 exemplares
IMPRESSÃO Plural Indústria Gráfica
DISTRIBUIÇÃO DINAP

GESTÃO ADMINISTRATIVA FUSP – FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PESQUISA FAPESP Rua Joaquim Antunes, nº 727, 10º andar, CEP 05415-012, Pinheiros, São Paulo-SP
FAPESP Rua Pio XI, nº 1.500, CEP 05468-901, Alto da Lapa, São Paulo-SP

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desafios para a saúde pública

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

Artigo publicado recentemente no jornal *The New York Times* (“Anti-vaccine activists have taken science hostage”, 5 de agosto) faz um alerta: por medo de serem mal interpretados, cientistas que pesquisam vacinas têm evitado falar sobre alguns aspectos de sua eficácia e segurança, e até mesmo minimizado resultados que possam indicar problemas relacionados ao seu uso. Considerando-se as recentes epidemias de doenças evitáveis por vacinação, esse temor não é infundado. Entretanto, a autocensura, argumenta o artigo, pode colocar os cientistas no mesmo patamar dos que defendem a não vacinação: pessoas que selecionam os dados que reforçam seu pensamento. A transparência da ciência, conclui, é fundamental para a adesão às vacinas, pois qualquer ocultação só aumenta a desconfiança em relação a uma das principais conquistas da saúde pública mundial.

A reportagem de capa desta edição (*página 18*) procura destrinchar o que vem sendo noticiado pela imprensa brasileira: a cobertura vacinal no país, considerada modelo, caiu significativamente nos últimos dois anos (até 21 pontos percentuais). A proporção de crianças vacinadas em 2017 contra poliomielite, rotavírus, hepatites A e B e meningite foi a mais baixa em anos e ficou bem inferior à recomendada pela Organização Mundial da Saúde, tornando o país mais suscetível a epidemias.

Os dados, alarmantes, naturalmente levam à pergunta: por quê? Aventam-se várias causas, mas faltam dados mostrando quanto cada uma efetivamente contribui para esse resultado. Das cinco razões apontadas pelo Ministério da Saúde, quatro dizem respeito à falta de conhecimento ou de comunicação: a percepção enganosa de que doenças como a pólio desapareceram, dispensando a imunização; o desconhecimento do complexo calendário

de vacinação obrigatória, suas doses e seus prazos; o receio (infundado) de que o número elevado de vacinas sobrecarrega o sistema imunológico; e, mais alardeado, o temor de que a imunização cause reações prejudiciais ao organismo.

A quinta, de ordem prática, diz respeito à dificuldade imposta pelo horário de funcionamento dos postos de saúde – dias úteis em horário comercial. Especialistas incluem entre as possíveis explicações uma variação dos números de vacinas aplicadas, decorrente da mudança no sistema de registro de imunização. É urgente entender o que efetivamente levou a essa queda abrupta e tomar medidas para reverter o quadro antes que surtos como o de sarampo em Manaus se alastrem pelo país.

O tratamento no Brasil para três doenças evitáveis por vacina (sarampo, tétano, difteria) recebeu avaliação máxima em uma análise comparativa do acesso aos sistemas nacionais de saúde de 195 países e de sua qualidade (*página 25*). Na avaliação dos dados de 1990 a 2016, o Brasil aparece em 96º lugar e apresenta uma melhora geral em relação ao levantamento anterior, mas com aumento das disparidades entre os sistemas de saúde dos estados que o compõem. De forma análoga, os sistemas públicos dos países como um todo aperfeiçoaram seu atendimento, mas os contrastes entre as nações de maior e de menor desenvolvimento se acentuaram.

Ainda no tema da saúde, um pequeno grupo de revistas científicas, que inclui a *British Medical Journal*, adota desde 2014 a prática de convidar portadores de determinadas doenças e seus cuidadores a avaliar os artigos submetidos, em paralelo à tradicional análise por pares (*página 38*). Segundo a revista, essas pessoas trazem ideias e perspectivas muitas vezes não contempladas pelo sistema acadêmico de revisão.